

# TRADUÇÃO DE TEXTOS DE ÁREAS ESPECIALIZADAS E A PRESENÇA DE TRAÇOS DE NORMALIZAÇÃO\*

*Diva Cardoso de Camargo\*\**

RESUMO: Mostram-se relevantes para a tradução de textos de áreas técnicas e científicas o uso de possíveis estratégias de explicitação bem como o conhecimento de características da linguagem científica, das respectivas normas para a padronização lexical e textual, além da identificação de graus de equivalência dos termos observando os diferentes recortes da realidade de cada língua e linguagem de especialidade quanto ao conteúdo semântico, ao uso e ao nível lingüístico.

UNITERMOS: tradução especializada; tradução de textos da área médica; estudo da tradução baseado em corpus; Lingüística de Corpus.

*ABSTRACT: For translating texts in technical and scientific areas, several aspects are important, such as the use of explicitation strategies, the knowledge of typical features of the scientific language, norms related to textual and lexical patterns, the identification of different levels of equivalence by taking into consideration semantic content, function and usage in each specialized language.*

*KEYWORDS: technical translation; translation of medical texts; Corpus-Based Translation Studies; Corpus linguistics.*

---

\* Este texto se baseia no manuscrito apresentado para a prova escrita do Concurso de Livre-Docência, realizado na UNESP/IBILCE em 05/12/2005.

\*\* Pós-Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de Manchester. Professora adjunta, UNESP, São José do Rio Preto – SP, Brasil.

## 1. Introdução

Sob a denominação genérica de “texto especializado” (Berman, 1971), de “texto técnico” (Newmark, 1981/1982), ou de “texto pragmático” (Aubert, 1996, 1998), são abarcadas diversas estruturas textuais. No processo tradutório, as abordagens, embora não sejam homogêneas, apresentariam uma tendência a buscar uma adaptação às formas comumente aceitas na língua/cultura de chegada. Esse vasto campo da tradução pode ser subdividido em vários subgrupos específicos, entre eles: tradução de textos científicos de diversos domínios das Ciências Exatas, Biológicas e Humanas, textos descritivos e instrucionais, de conteúdo tecnológico (“técnicos” no sentido estrito do termo), textos corporativos, jurídicos, jornalísticos, promocionais (publicidade, propaganda, anúncios), textos referentes a balanços patrimoniais e demonstrativos financeiros, textos que abordam temas outros como meio ambiente, comportamento social etc.

Profissionais brasileiros têm contribuído amplamente para o desenvolvimento das diversas áreas técnicas e científicas por meio de pesquisas realizadas em nosso país e no exterior. Esse fato pode ser constatado pelo aumento de publicações de revistas nacionais especializadas em diferentes campos da Engenharia, Informática, Medicina etc. Todavia, nem todos os interessados nos temas abordados, se residentes em outros países, podem ler os textos originalmente escritos em português. Diante de tal limitação, a tradução torna-se imprescindível para a divulgação desses estudos, disponibilizando-os em outras línguas.

Em sua dissertação de mestrado, Paiva (2006) mostra que os editores de revistas científicas têm adotado a opção de publicá-las em duas e, em algumas vezes, três línguas: português, inglês e espanhol. Esclarecem que publicações bilíngües ou trilingües contendo pesquisas brasileiras alcançam maior número de leitores e, desse modo, passam a realizar uma divulgação mais ampla do conhecimento desenvolvido por nossos pesquisadores. Sua maior divulgação também faz com que a comunidade científica nacional se torne mais conhecida em outros países, incentivando o intercâmbio com pesquisadores estrangeiros. Conseqüentemente, tais publicações podem contribuir, de modo

indireto, para investimentos de empresas interessadas em financiar projetos e estudos junto a universidades brasileiras. Além de publicações em revistas, hoje a divulgação também se dá via internet, o que tem requerido o trabalho de tradutores que estejam aptos a traduzir e verter textos com competência e rapidez.

A tradução de textos especializados, como os que fazem parte de revistas bilingües de áreas técnico-tecnológicas, abarca vários campos a serem pesquisados. No Brasil, são poucos os estudos desenvolvidos com bases científicas cujos resultados permitam observar estratégias empregadas pelos tradutores bem como conhecer particularidades, sobretudo da tradução de artigos de áreas especializadas.

Dentre as características típicas da linguagem da tradução, podemos destacar a normalização, por permitir identificar marcas que evidenciam o comportamento lingüístico dos tradutores. De acordo com Baker (1996: 180-184), a normalização é “a tendência para exagerar características da língua-meta (LM) e para adequar-se aos seus padrões típicos”. Pode ser observada tanto no nível de palavras individuais ou de colocações<sup>1</sup> (normalização lexical) como na pontuação e no uso de clichês e estruturas gramaticais convencionais nos textos traduzidos (TTs). Frases longas e elaboradas são substituídas por frases menores. Também as sentenças não concluídas nos textos originalmente escritos numa dada língua (TOs) são freqüentemente completadas nos TTs. Outrossim, o ritmo da LM torna-se, em geral, mais fluente, uma vez que aspectos incomuns de pontuação existentes na língua-fonte (LF) são padronizados, de modo a adaptarem-se a aspectos mais comuns da LM. Essa tendência seria possivelmente influenciada pelos status da LF e da LM, dado que, quanto mais alto for o status da LF, menor seria a tendência à normalização.

De um lado, a normalização é uma característica intrínseca à linguagem da tradução, a qual é gerada no processo de mediação durante a produção do TT. De outro lado, já a própria

---

<sup>1</sup> “Colocação” tem sido o nome dado à relação que um item lexical tem com itens que aparecem com probabilidade significativa no seu contexto (textual) (Partington, 1998: 16-7).

produção de textos de áreas especializadas está vinculada a normas de padronização tanto no nível do léxico quanto no nível do texto. Nesse sentido, o uso consciente por parte do tradutor de estratégias diferentes – quer da tendência à normalização na tradução, quer da normalização imposta para a redação de textos técnicos e científicos – pode constituir-se num recurso efetivo de intervenção no TT ao lidar com determinados aspectos do texto especializado original, como, por exemplo, a busca pelo tradutor de certa autonomia, de modo a destacar, na língua e cultura de chegada, termos novos provenientes de descobertas de pesquisadores brasileiros ou de novas tecnologias aqui desenvolvidas.

Em virtude de os textos das áreas de especialidade abarcarem grande quantidade de diferentes tipologias textuais, conforme mencionado acima, há a necessidade de fazer um recorte, colocando o enfoque em um determinado tipo de texto, a fim de possibilitar melhor desenvolvimento do tema. Por essa razão, selecionamos para esta análise os textos da área médica, devido à complexidade e a dificuldades para a sua produção e a sua tradução. Desse modo, além de tratar de características de normalização, abordaremos aspectos da nomenclatura médica (Item 1), de características da linguagem utilizada nesse tipo de texto (Item 2), e das relações entre Tradução e Terminologia (Item 3) na produção dos TTs técnicos e científicos.

## **2. O uso da nomenclatura médica**

No tocante à origem da nomenclatura anatômica, de acordo com a literatura na área, Hipócrates (460-377 a.C.) foi o primeiro a propor as denominações anatômicas; depois, Galeno (131-201 a.C.) descobriu e descreveu muitas estruturas anatômicas. Na *Nomenclatura Anatômica da Língua Portuguesa* encontra-se a informação de que:

nesta época, embora dominasse (no Ocidente) o Império Romano – e o latim fosse, portanto, a língua oficial, a nomenclatura anatômica continuava a ser expressa em grego. Na Idade Média, porém, a par dos termos gregos sur-

giu a denominação árabe e apareceram algumas tentativas de nomenclatura latina (Becker, 1977:7).

Entretanto, o estudioso Celso, no séc. I, já adotava termos latinos em sua obra *De re medicina*, que só veio a ser descoberta em 1443. André Versálio (1514-1564), reformador da anatomia descritiva, empregou nomes latinos, mas também usou termos gregos, aos quais adaptou sufixos latinos. Dentre os termos originários do antigo latim que continuam sendo usados nos dias de hoje, temos como exemplo: “abdômen”, “câncer”, criados por Celso, por volta de 30 d.C. Da língua grega, são utilizados termos como “amilase”, “lipase” ou “transaminases”.

Apesar dos esforços para uma sistematização da nomenclatura anatômica, esta passou por uma fase caótica, visto que estruturas idênticas eram descobertas e descritas em diferentes idiomas. Como exemplo do problema surgido não apenas para os médicos, mas também para os tradutores, Paiva (2006) cita o termo “epifase” ou “corpo pineal” que chegou a apresentar, em três idiomas ocidentais (francês, inglês e alemão), mais de cinquenta sinônimos. Segundo Becker (1977), somente em 1950 foi criada, em Oxford, a Comissão Internacional de Nomenclatura Anatômica. Essa comissão, após várias sessões de debates, decidiu que uma nova *Nomina* deveria ser elaborada, na qual constariam os seguintes princípios básicos:

- a) Cada estrutura deve ser designada tão-só por um único nome, salvo pequeno número de exceções.
- b) Todos os termos da lista oficial devem ser expressos em latim. *Mas cada país tem a liberdade de traduzi-los a seu próprio idioma, para fins didáticos.*
- c) Os termos anatômicos devem ser, tanto quanto possível, breves e simples.
- d) Os termos anatômicos devem ser, em primeiro lugar, mnemônicos, mas de preferência devem ter algum valor informativo ou descritivo.
- e) As estruturas relacionadas topograficamente pela proximidade devem ter, na medida do possível, nomes análogos. Ex: *arteria femoralis, vena femoralis, nervus femoralis, etc.*

- f) Os diferentes adjetivos deverão ser usados em contra-  
posição. Exs.: *major* e *minor*, *superior* e *inferior*, *superfi-  
cialis* e *profundus*, etc.
- g) Os nomes próprios não devem ser usados (Becker, 1977:  
8-9).

Quanto ao último item desses princípios, muito embora se tenha evitado o uso de epônimos na nomenclatura e literatura médicas, é importante para o tradutor saber que são comumente usados na linguagem médica do dia-a-dia em hospitais e escolas de medicina, talvez por possibilitar fácil memorização e comunicação entre os profissionais. Desse modo, o emprego dos termos pode variar entre os que são aceitos pela nomenclatura médica, sendo encontrados em artigos escritos por especialistas e outros que, embora não façam parte da nomenclatura, são comumente empregados na fala dos profissionais ou ocorrem na linguagem popular.

De acordo com o dicionário *Dorland's: Illustrated Medical Dictionary*, “em anatomia, cirurgia, clínica médica, e medicina laboratorial, o grego, o latim, e o vocabulário greco-latino sempre formaram mais de noventa por cento dos termos técnicos” (1994: xxi). Por esse motivo, consta dos dicionários de medicina a questão da formação de novas palavras por meio de derivação.

O dicionário *Stedman* (1979) trata de detalhes da etimologia médica na introdução. Os vocabulários médicos atuais em português e em inglês não têm sua origem somente nas línguas grega e latina, mas também receberam influências do árabe, em palavras como “álcool”, “cânfora” e “tártaro”; do francês, em termos que sofreram decalque como “placa”, e “tampão”. No inglês, os termos tiveram suas origens nas línguas anglo-saxônicas, como: *arm*, *finger*, *tongue*, e em outras línguas, como o italiano (*influenza*, *malaria*), o espanhol (*cáscara*), além do alemão, chinês, persa e tupi.

Com o abandono do latim como língua de comunicação científica, a criação de novos termos médicos provém, via de regra, de países desenvolvidos por disporem de mais recursos financeiros e tecnológicos para o desenvolvimento de pesquisas de ponta.

A fim de suprir as lacunas terminológicas, a cultura receptora periférica habitualmente procede a normalizações nas respectivas áreas de especialidade. Nesse caso, poderia também recorrer a explicitações por meio de paráfrases, empréstimos e decalques ao empregar as novas unidades terminológicas na produção de textos médicos ou de outras áreas técnicas e científicas. Contudo, se a cultura receptora for a dominante, o emprego do decalque e, sobretudo, do empréstimo vão apresentar problemas. Nesse cenário, poder-se-ia pensar no perigo de uma descaracterização parcial do conjunto léxico de determinadas subáreas médicas da cultura dominada pela uniformização do novo conjunto léxico da cultura dominante, ainda que os pesquisadores estejam desenvolvendo tecnologia médica de ponta nesses países periféricos.

### **3. Características da linguagem médica**

A padronização do discurso científico é rígida e imposta pela comunidade científica. São quatro os traços destacados por Garrido & Riera (2000, *apud* Garrido, 2001) que caracterizam a linguagem técnico-científica como uma linguagem de especialidade: a) a *universalidade* ou *internacionalidade*, que se aplica especificamente aos símbolos internacionais e às normas terminológicas; b) a *precisão*, devido à necessidade de sistematização conceptual que mostram as línguas especializadas técnico-científicas; c) a *coerência*, que se manifesta, por um lado, na tendência por uma formação regular dos seus elementos lexicais e, por outro, na constituição de uma sintaxe concisa, econômica, que sirva para veicular informações específicas; c) a *formalidade* e a *funcionalidade* que caracterizam o freqüente recurso a elementos referenciais especiais (sejam estes paralingüísticos ou extralingüísticos), como os números, gráficos, tabelas etc., e cujo estilo costuma ser complexo quanto à terminologia e sóbrio quanto à forma.

Mais especificamente, a linguagem médica utiliza-se da língua geral para produzir um discurso especializado. Esse tipo de discurso é marcado por:

uma norma discursiva própria, ou seja, por características comuns e constantes em diversos níveis: léxico-semântico, semântico-sintático, narrativo e discursivo. A principal característica [...] encontra-se, no entanto, em nível lexical, uma vez que veicula unidades lexicais com conteúdos específicos do domínio em questão (Barros, 2004: 44).

A esse respeito, pode-se acrescentar que, dentro de situações discursivas diferentes, uma mesma unidade terminológica pode exprimir realidades específicas, como no caso do termo “frequência”, que pode se combinar com outros elementos e constituir termos como: “frequência cardíaca”, “frequência respiratória” e “frequência ventilatória”, conforme levantamento efetuado para a subárea da anesthesiologia em pesquisa desenvolvida por Paiva (2006) no âmbito do projeto *Padrões de Estilo de Tradutores – PETra: Investigação em corpora eletrônicos de traduções literárias, especializadas e juramentadas*, sob nossa coordenação. Já na mesma pesquisa, fundamentada nos estudos da tradução baseados em *corpus*, o termo ocorre em associações que indicam serem não-aleatórias, como “frequência absoluta”, “frequência relativa” e “frequência das palavras-chave”.

No nível da estrutura lingüística, podemos mencionar o uso da voz passiva no TO em português, que, no caso da tradução, poderia ocorrer uma opção do tradutor pelo recurso de explicitar o autor, conferindo-lhe maior visibilidade e responsabilidade pela pesquisa, por meio da utilização da voz ativa no TT para o inglês. Já um tratamento mais comunicativo pelo emprego dos pronomes “eu”, “você”, e até do “nós” encontraria certas restrições em vários manuais de redação de textos científicos em língua portuguesa.

Tendo em vista as palavras de Coracini, para quem o discurso científico primário

dirige-se a um ouvinte situável no tempo e no espaço: grupo de especialistas da área. Pressupõe um ouvinte conhecedor da matéria, dos métodos utilizados normalmente na área e que esteja interessado na pesquisa a ser relatada [...] A intenção é persuadir da validade da pesquisa e do rigor científico da mesma (Coracini, 1991: 57).

caberia, então, inferir que o ouvinte intermediário, no caso o tradutor, quando ciente de tal pressuposição, bem como da tendência à normalização, poderia valer-se de recursos de explicitação para procurar convencer ou mesmo persuadir o ouvinte da língua-alvo, no caso, o(s) parecerista(s) do periódico estrangeiro, de modo a deixar claro e destacar a validade e confiabilidade dos resultados do estudo desenvolvido por seu cliente (no caso, o especialista brasileiro).

No tocante a artigos a serem traduzidos para o inglês, alguns pesquisadores procuram, com certa freqüência, fazer a tradução ou recorrem a uma pessoa que fale o idioma. Todavia, o desconhecimento da complexidade da tradução, de estratégias de explicitação e também de normalização da linguagem de especialidade tem sido a causa de considerável quantidade de trabalhos de alto nível científico e de real aplicabilidade, realizados por médicos brasileiros, não serem aceitos para publicação em revistas estrangeiras ou bilingües.

Desse modo, além do conhecimento de como, no par lingüístico envolvido, são usados os termos de determinada subárea, mostra-se importante para o tradutor que trabalhe com a linguagem médica e com artigos para periódicos estrangeiros esteja familiarizado com as convenções empregadas para a sua redação no Brasil e com os padrões na língua-alvo, bem como disponha de estratégias explicitadoras para utilizá-las quando julgar adequado. Também as normas específicas estabelecidas pela revista à qual o texto será submetido, como, por exemplo, para a padronização do texto, linguagem médica, número de páginas, são aspectos que podem influir para o trabalho poder concorrer com os artigos dos especialistas de outros países.

#### **4. Relações entre tradução e a Terminologia na produção de TTs técnicos e científicos**

Quanto à interface entre ambas as disciplinas, notadamente no tocante aos textos técnicos e científicos, trata-se de uma aproximação que vem despertando um interesse cada vez maior nos últimos anos. No entanto, a relação entre ambas nem sempre se

dá de modo pacífico. Aubert esclarece que, na percepção de seus praticantes, a direção Terminologia à tradução caracteriza-se como positiva, dado que

a terminologia e a terminografia são vistas como ferramentas essenciais, provedoras que são de informações para o exercício da atividade tradutória nos domínios científico e técnico. [Já na direção inversa], a tradução e os tradutores têm sido vistos negativamente como fontes de muitas improvisações neológicas, [...] redundando na expansão por vezes descontrolada de sinonímias e parassinonímias, [...] na cristalização de formas lexicais, morfossintáticas e mesmo textuais decalcadas na estrutura da língua-fonte. [Por seu turno, Aubert levanta] um terceiro ângulo de visão [salientando] a influência construtiva da tradução sobre a terminologia, uma vez que a prática tradutória profissional, por operar essencialmente no plano textual e situacional, mostra-se como relevante geradora de soluções terminológicas bilingües, [bem como vem] apontando caminhos e introduzindo variáveis que as raízes lexicológica e epistemológica dos estudos terminológicos nem sempre têm valorizado (Aubert, 2001: 42-45).

Na opinião de Krieger, “a primeira motivação do encontro que direciona a Tradução para a Terminologia relaciona-se ao fato de que os termos técnico-científicos são elementos-chave, nódulos cognitivos, dos textos especializados” (Krieger, 2004: 66). Nesse sentido, para que a prática tradutória seja eficiente, é indispensável um manejo terminológico competente.

Com o progresso da informática, muitas das ferramentas eletrônicas de busca mostram-se úteis tanto para quem pesquisa na área da tradução de textos médicos ou de outras áreas de especialidade como também para quem traduz, procurando entender ou familiarizar-se com o universo das respectivas linguagens. Todavia, ao efetuarmos a busca em dicionários ou na internet, percebemos que um dado termo médico na LF nem sempre recobre totalmente o campo de significação ou situa-se no mesmo nível de língua ou possui os mesmos usos do termo da LM.

Desse modo, a Terminologia bilingüe, além de elaborar dicionários especializados e disponibilizar bases de dados terminológicos bi ou multilingües, auxilia o tradutor, entre outros

usuários, a identificar a ocorrência de diferentes graus de equivalência. De acordo com Alpízar-Castillo,

a correspondência entre termos de idiomas diferentes situa-se em um diapasão de possibilidades que vai desde o total recobrimento do termo da língua A por um da língua B, até a total falta de equivalências, passando por uma variada gama de recobrimentos parciais (Alpízar-Castillo, 1995:101).

Para ilustrar a relação de diferentes graus de equivalência lexical nos idiomas português e inglês, podemos citar o caso, fornecido por Barros & Delvizio (2005), dos termos *lepra* e *leprosy*, que se equivalem do ponto de vista etimológico, conceptual e quanto ao valor sociolingüístico (forma marcada). Todavia, diferem quanto ao uso, dado que em português o termo é menos freqüente em textos científicos e não recomendado pela Lei 9.010, de 29/3/1995; já o termo em inglês é freqüentemente utilizado em obras científicas. Como designações alternativas, os epônimos *mal de Hansen* e *Hansen's disease* apresentam equivalência total, dado que designam o mesmo conceito, possuem o mesmo nível de língua e a mesma baixa freqüência de uso em ambos os idiomas. Por sua vez, o termo *hanseníase*, empregado nos tratados de dermatologia, não possui equivalentes quanto ao uso e valor sociolingüístico em inglês. Desse modo, poderíamos dizer que *leprosy* é apenas correspondente de *hanseníase*. No entanto, do ponto de vista prático, as duas unidades são equivalentes funcionais, uma vez que usadas em obras científicas nos respectivos idiomas para designarem o mesmo conceito.

Caberia ainda comentar a dificuldade da tradução de termos médicos complexos, ou seja, termos constituídos de dois ou mais radicais, aos quais se podem acrescentar outros elementos (Barros, 2004).

Como mesmo nos dicionários especializados muitas vezes não constam termos complexos, o acesso a informações baseadas em *corpus* acompanhadas do cotexto (palavra ao redor do termo) poderia fornecer aos alunos e tradutores profissionais uma melhor percepção do conteúdo semântico, da função e do

uso tanto no português quanto no inglês, ou em outros pares lingüísticos. Para exemplificar, podemos mencionar o termo “enxerto ósseo”, que, além da tradução como *bone graft*, também ocorre como *bone stock* (cf. consta do *subcorpus* de TTs especializados de Paiva, 2006). Nesse caso, como as duas acepções não foram encontradas nos dicionários da área, foi possível identificar, por meio de linhas de concordância do *corpus* da pesquisa e de consulta a especialistas da subárea de ortopedia, que existem dois tipos de enxerto: um feito com material do próprio paciente, correspondendo ao termo *bone graft*, já o outro tipo de enxerto, feito com material externo, isto é, proveniente de um banco, corresponde a *bone stock*.

Assim, com base no exposto, mostram-se relevantes para a tradução de textos da área médica e, por extensão, para a tradução de textos das outras áreas técnicas e científicas, o uso de possíveis estratégias de explicitação, bem como o conhecimento de características da linguagem científica, das respectivas normas para a padronização lexical e textual, além da identificação de graus de equivalência dos termos, observando-se os diferentes recortes da realidade de cada língua e linguagem de especialidade quanto ao conteúdo semântico, ao uso e ao nível lingüístico.

## Referências bibliográficas

- ALPÍZAR-CASTILLO, R. (1995) *Cómo hacer um diccionario científico-técnico?*. Havana: Félix Varela, p. 101.
- AUBERT, F. H. (1996) Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe. In: *Cadernos de terminologia*. 2. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Tipologia e procedimentos da tradução juramentada*. vol. 1 e 2. São Paulo: CITRAT/FFLCH/USP.
- \_\_\_\_\_. (2001) Tradução técnico-científico e terminologia: Um ensaio exploratório de uma via de mão dupla. *TradTerm* 7. São Paulo, p. 41-52.
- BAKER, M. (1996) Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (org.). *Terminology, LSP and transla-*

- tion studies in language engineering*, in honour of Juan C. Sager. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 175-186.
- BARROS, L. A. (2004) *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_; DELVIZIO, I. A. (2005) Questões de graus de equivalência lexical entre português, inglês e espanhol no domínio da dermatologia. In: *Estudos Lingüísticos XXXIV*. Campinas, p. 1218-1223.
- BECKER, I. (coord.). (1977) Introdução. In: COMISSÃO LUSO-BRASILEIRA DE NOMENCLATURA MORFOLÓGICA. *Nomenclatura anatômica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 7-13.
- BERMAN, A. (1971) *La traduction littéraire, scientifique et technique*. Paris: La Tulu.
- CAMARGO, D. C. (2005) *Padrões de Estilo de Tradutores: Um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. Tese de Livre-Docência em Estudos da Tradução. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, inédita.
- CORACINI, M. J. (1991) *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Pontes.
- GARRIDO, C. (2000) *Aspectos Teóricos e Práticos da Tradução Científico-Técnica* (Inglês/Galego). Ourense: Associação Galega da Língua.
- KRIEGER, M. G. & FINATTO, M. J. B. (2004) *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.
- NEWMARK, P. (1981, 1982) *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press.
- PAIVA, P. T. P. (2006) *Análise de um corpus constituído de textos da área médica na direção português-inglês*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, inédita.
- PARTINGTON, A. (1998) *Patterns and Meanings: Using corpora for English language research and teaching*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 16-7.